

# A TECNOLOGIA COMO FETICHE: A ILUSÃO DO COMPLEXO INDUSTRIAL MILITAR

SYLVIO DOS SANTOS VAL  
Professor\*

---

## SUMÁRIO

Parque industrial militar  
As origens do complexo  
O complexo industrial militar  
A imagem alternativa: o complexo de defesa  
Conclusão

Os Estados Unidos da América (EUA) são uma referência para muitas áreas da atividade humana no moderno mundo capitalista ou capitalizado, porque nenhum padrão de desenvolvimento consegue escapar da banalização do modelo econômico contemporâneo. Particularmente no setor militar, as forças armadas dos EUA tornaram-se um paradigma de mensuração de força ou de balizamento de parâmetros para o estabelecimento da capacidade de um esta-

do nacional de promover com eficácia ações militares soberanas. Ainda que estrategistas e especialistas existam que demonstrem que esse parâmetro é de escala equívoca, o modelo estadunidense serve ao senso comum como modelo idealizado de capacidade independente de uso da força. A última intervenção no Iraque à revelia da ONU demonstrou tacitamente este ponto. Isso é o reflexo claro da desproporção inequívoca do peso do aparato militar dos e *nos* EUA.

---

\* N.R.: Bacharel em História, mestre em Ciências Políticas pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Segundo o Instituto de Pesquisa da Paz Internacional de Estocolmo (Itotkolm International Peace Research Institute – Sipri), os gastos mundiais com armas em 2008 somaram US\$1.468 bilhões, e os EUA representaram US\$ 603 bilhões – se alocarmos, além do orçamento, as verbas suplementares de reforço em vista das constantes mobilizações das forças americanas – isto é, cerca de 41% do total mundial. Ao mesmo tempo, a participação norte-americana no Produto Interno Bruto (PIB) mundial é de 20,04%. Em outras palavras, o peso militar dos EUA é bem superior ao seu peso econômico e tecnológico no planeta<sup>1</sup>. Mas a pergunta que não pode calar é qual o custo efetivo e a vantagem final do modelo norte-americano? É possível ou desejável copiá-lo?

Para responder a isso devemos colocar o mito em seu devido lugar. O complexo militar dos EUA é imbatível, porém ele o é em circunstâncias muito determinadas e demanda tal conjunto de constrangimentos materiais e situações tais que é muito provável que a razão histórica de sua existência esteja para inviabilizá-lo como modelo; ele mesmo pode ser uma ameaça à humanidade, quando não ao próprio modelo capitalista que nele se alavancou.

## PARQUE INDUSTRIAL MILITAR

Os Parques Industriais Militares (PIM) são as indústrias voltadas para a produção exclusiva de armas. Eles existem desde que

a sociedade padronizou o modelo industrial como inerente a qualquer sociedade minimamente desenvolvida ou competitiva num cenário internacional. Nesse sentido, o estado da arte dos equipamentos e armas localizava-se no protótipo e na genialidade do *designer*, o artesão. O PIM se expandia conforme as demandas dos estados e as situações concretas de guerra. Contudo, a sociedade, até uma determinada altura da revolução industrial, apresentava sérios contrafortes para o deslanche do PIM.

Primeiro, as plantas industriais não substituíram imediatamente os engenhos dos artesãos que fizeram as glórias dos impérios pré-industriais<sup>2</sup>. Os rifles utilizados por ambos os lados na maior parte da guerra civil norte-americana (1861-65) eram carregados pela frente como 90

anos antes. Na Guerra Austro-Prussiana (1866), os soldados do *kaiser*, portando o rifle carregado pela culatra, derrotaram os austríacos ainda com peças carregadas pela boca. Ao final do século XIX, os americanos não tinham uma espingarda que suprisse sua infantaria. Finalmente, antes da Primeira Guerra Mundial, após o uso frustrado de uma peça sueca, o Exército americano implantou o máuser alemão. Tradição, economia e disputas políticas nos governos ditavam muito o ritmo das substituições. De outra feita, as oficinas e plantas nunca foram inteiramente substituídas em períodos de paz. Primeiro, porque muito do material produzido passou à vida civil e contou com

**O peso militar dos EUA é bem superior ao seu peso econômico e tecnológico no planeta**

1 De fato, em 2007 a União Europeia (EU) ultrapassou os EUA como primeiro PIB. Ver *Carta Capital*, 2007, p. 35.

2 Os *long rifles* do Kentucky, que fizeram a colonização americana dos séculos XVIII e XIX e o Brown Bess dos *red coats* do Império britânico.

circunstâncias que alimentavam a sua existência, como a expansão do oeste norte-americano, que consumiu a Winchester, o Smith&Weston e o Colt.

Em segundo lugar, a expansão dos impérios coloniais sobre a África e a Ásia demandava armas de melhor qualidade do que quantidade. De fato, o tamanho dos exércitos não se alterou muito desde Napoleão até a Primeira Guerra Mundial. As forças colonialistas eram numericamente pequenas, e, não fugindo à tradição, o Império britânico mantinha-se com uma força que era uma combinação de força “profissional” e de voluntários, e equipada com as melhores armas<sup>3</sup> – daí a demanda pela metralhadora de Maxine (*Maxine Gun*), ainda que um similar predecessor, a americana Gatling, fosse praticamente ignorada na Europa.

Em terceiro, nos países não industrializados, mesmo que alguns possuíssem oficinas e pequenas unidades metalúrgicas, consumiam armas dos parques industrializados para as muitas disputas territoriais com vizinhos ou por terem ocorrido conflitos armados de monta, domésticos ou não.<sup>4</sup>

Uma séria exceção à lógica anteriormente descrita estava no setor da indústria naval. Países imperialistas e seus concorrentes diretos necessitavam de Marinhas mercantes desenvolvidas e Marinhas militares fortes para proteger seus interesses – e ameaçar os demais. Essa talvez seja a grande razão pela qual as Marinhas de guerra acumularam mais inovação tecnológica desde a chegada do vapor e do aço às pran-

chetas do que os exércitos. Ali se consumiam em quantidade e qualidade, sendo a construção naval refratária de qualquer inovação, nem que pela simples experiência. Os confrontos localizados entre as potências concorrentes contribuíram seriamente para o disparo da construção náutica<sup>5</sup>. Assim, a primeira década do século XX assistiu a uma corrida naval que envolveu até países não industrializados.

A passagem da Primeira Guerra Mundial acresceu diversidade ao parque industrial, pelas tecnologias bélicas que emergiram do conflito, como o avião, o submarino e o carro de combate, porque permitiam a possibilidade de uma nova indústria militar: a planta de emprego híbrido.

Aqui não se trata de dualidade, que se caracteriza pela transferência de uma tecnologia ou produto ambivalente (emprego militar e civil), mas de uma indústria civil que pode ser desdobrada para o setor militar. As indústrias de aviação e automóveis estimulavam as de motores e peças, cujas plantas podiam desdobrar projetos militares. Nessa época, praticamente as tecnologias básicas de um armamento podiam ser colhidas na indústria civil, adaptando-o com tecnologia exclusivamente militar e à engenharia das armas ou material bélico.

As operações militares das indústrias aeronáuticas, automotivas, componentes e metalúrgicas eram apenas uma fração das plantas até a segunda metade da década de 1930, porque os governos, que eram os maiores – e por vezes os únicos – clientes, não

3 O fim da monarquia Stuart aprofundou o modelo de uma força militar comandada por uma elite formada na academia de Sandhurst e uma tropa multinacional de escoceses, irlandeses, galeses e batalhões étnico-coloniais (*guptas, gurgas, scouts*).

4 Nessa linha podemos citar a Guerra Civil no México (1861-1870); a Guerra do Paraguai, que envolveu Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai (1865-1970); e a Guerra do Pacífico, entre Chile, Bolívia e Peru (1878-1881).

5 Descontando pequenos *affairs*, a Guerra Sino-Japonesa (1894), a Guerra Hispano-Americana entre EUA e Espanha (1898) e a Guerra Russo-Japonesa (1904-05).

se encontravam em condições de fazer encomendas de monta. Na década de 1920, o clima antibelicista e a prosperidade dos produtos internos sugavam a inovação para a economia civil. E, na Grande Depressão, os Estados tiveram que intervir antes para equilibrar as ações sociais e econômicas, que não passaram imediatamente. Apenas o acirramento dos conflitos pela ascensão e expansão do nazi-fascismo induziram a um maior investimento na indústria, nas plantas militares e nos projetos de inovação.

## AS ORIGENS DO COMPLEXO

A Segunda Guerra Mundial é, com frequência, apontada como o marco divisorio da criação do “complexo industrial militar” dos EUA. Assertiva correta numa perspectiva global, peca pela óbvia falta de instrução histórica. A iniciativa material sucede à ideia de gestão de um complexo militar que começa quando os EUA se lançam como país imperialista da última década do século XIX, e até as primeiras décadas do século XX.

Dois vetores de planejamento geraram os primeiros planos operacionais de uma força militar hegemônica para os EUA. O Naval War College, idealizado para as operações navais, logo se tornou um fórum entre soldados e marinheiros de como pensar operações militares conjuntas e ensaios de intervenção. Foi lá nas décadas de 1920 e 1930 que vários dos futuros chefes militares da América – Nimitz, MacCarthur, Marshal, Arnold –, em seus jogos de guerra, idealizaram as principais estratégias e

táticas para uma futura guerra<sup>6</sup>. Assim como nos estertores da Primeira Guerra Mundial, o comando dos fuzileiros passou a adotar a Landing Base Operations Doctrine, que preconizava que os EUA deveriam ter bases de apoio em todos os continentes de onde os fuzileiros poderiam “saltar” em intervenções rápidas<sup>7</sup>. Uma organização militar mais afeta e preparada ao intervencionismo obrigatoriamente demandava um parque industrial adequado à “extensão dos negócios” do monopólio dos EUA. Entretanto, foi preciso a História para que as coisas acontecessem.

A Primeira Guerra Mundial demonstrou que os EUA estavam defasados em estrutura tecnológica em vários setores e em gestão. O parque industrial militar americano nunca parou de crescer desde então, mesmo que a Grande Depressão o tenha impactado nos primeiros anos.<sup>8</sup> A administração Roosevelt, no seu segundo mandato, produziu um programa de reequipamento nada modesto para a época. As indústrias de aviação e armamentos receberam encomendas de projetos que já estavam na linha de produção antes da primeira bomba germânica cair sobre Varsóvia<sup>9</sup>. De 1939 a 1941, o efetivo do Exército cresceu de 174 mil para 1,4 milhão. Porém o efetivo da Marinha vinha sendo acrescido desde o reaparelhamento iniciado no começo da década de 1930.

Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, a Força Aérea do Exército dos EUA tinha 7 mil aparelhos, sendo um pouco menos da metade de combate, e a Força Aérea Naval tinha 5 mil aeroplanos, 3 mil

6 Por exemplo, a *hopping island manouvre* (pular as posições), implementada por MacCarthur, e a força-tarefa independente de navios-aeródromos e cruzadores, usadas na Segunda Guerra Mundial.

7 Lembremos: o Emblema dos Marines é uma águia postada entre âncora e remo *sobre uma* efígie do Globo.

8 Dois trabalhos são referências históricas inaugurais desse tema. Ver KOISTINEN (1970, 1973).

9 Como os bombardeiros quadrimotores B-24, B-17 e o caça interceptor P-41, as novas metralhadoras .50, rifles semiautomáticos e o fuzil Garat, que se tornaria a arma padrão da infantaria americana.

de combate, isto é, cerca de 6 mil aparelhos de combate, ainda que a metade da década anterior – como acontecia em todas as potências militares da época. A Marinha só perdia em números para a britânica, com 300 navios de combate, sendo 17 encouraçados (12 da década anterior) e sete navios-aeródromos pesados (apenas três da década de 1920). Protótipos avançados de aviação estavam sendo entregues e o material rodante vinha sendo substituído. A indústria bélica tinha problemas de deslanchar pela falta de ameaças que obrigassem o poder civil a lançar verbas de renovação mais frequentemente ou pela existência de um conflito de fato.

A “plataforma de lançamento” do complexo militar já se encontrava pronta quando do ataque a Pearl Harbor. Em um par de meses a indústria bélica, a todo o vapor, despejou 2.900 aeroplanos (mais que toda a força aérea japonesa na linha de frente). O crescimento rápido e exponencial da indústria militar obrigou ao frenesi de conversão de indústria civil, a maioria com capacidade ociosa, em linha auxiliar das grandes plantas industriais militares. O choque foi tão intenso que a convocação de operários especializados para operar na guerra motomecanizada que os aliados impunham logo obrigou que se chamassem mulheres para as linhas de produção. O apuro gerencial e a organização dos gestores americanos nada seriam se não existisse uma base industrial para trabalhar.

Finda a guerra, a perspectiva para o complexo industrial militar criado parecia sombria. Se um parque industrial reconvertido não teria problemas de concorrência, visto que apenas o parque industrial dos EUA

sobrara intacto no Ocidente, não havia demanda para suprir a indústria de bens de capital, mesmo com o nascimento da guerra fria em 1947. Quatro fatores adensaram os argumentos de sobrevivência do complexo da guerra: a eclosão de uma República comunista na China continental, em 1949; a explosão da bomba atômica soviética no mesmo ano; o Plano Marshall de reconstrução da Europa; e a Guerra da Coreia, em 1950. O conflito asiático foi sem dúvida o fator definitivo, pois retirou a Guerra Fria da retórica geopolítica para a realidade da guerra global iminente.

Quando *marines* desembarcaram em Ichon na retaguarda das forças comunistas para virar a maré estratégica da Guerra na Coreia, a maior parte de seu material, navios de apoio e aviões, provinha da guerra anterior. O decorrer da guerra, a intervenção chinesa e o despejo de material soviético no

### **A “plataforma de lançamento” do complexo militar já se encontrava pronta quando do ataque a Pearl Harbor**

lado comunista certificaram que uma política planetária precisa ser ratificada por um aparato militar renovado. Esse ponto não gerou discussões políticas, e sim a presença no Estado e na sociedade de um complexo industrial bastante específico, surgido para uma conjuntura determinada de uma guerra cujo tom era a sobrevivência do mundo civilizado.

Podemos afirmar com certeza que o parque industrial militar dos EUA retorna ainda na administração Eisenhower (1956-1961), apesar de seus protestos e alertas, com a criação do Strategic Air Command (SAC) implementado pelo belicoso brigadeiro Curtis Lemain, e com a intervenção no Vietnã, que se inicia pesadamente com o governo Lindon Johnson. A demanda tecnológica e de recursos por uma força

aérea nuclear-estratégica, combinada com uma guerra efetiva e seu consumo desenfreado de material, gerou o mecanismo justificador padrão de sustentação do que viria a ser o complexo industrial militar-tecnológico dos EUA dos dias atuais.

## O COMPLEXO INDUSTRIAL MILITAR

As características do Complexo Industrial Militar (CIM) não são únicas apenas historicamente. Sua lógica também é única em mitificação e alienismo.

Três argumentos sustentam a força e a perenidade do CIM:

1. de que é essencial para a economia dos EUA na geração de recursos e empregos;
2. de que ele é dual, portanto tecnologicamente interessante;
3. de que é adequado aos objetivos geoestratégicos dos EUA.

O primeiro argumento poderia ser verdade quando o parque industrial estava no seu apogeu, na Segunda Guerra Mundial, e o padrão de desenvolvimento do capital era de intensivo capital-trabalho. Contudo, hoje pouco mais de seis conglomerados industriais e uma meia dúzia de empresas de projetos são responsáveis pela produção militar dos EUA, com pouco mais de um milhão de empregos diretos, e esta é altamente concentradora de renda. Não gera tantos empregos indiretos devido à alta densidade tecnológica, à especificidade e à complexidade da maioria dos componentes dos armamentos, que hoje são mais “plataformas de conhecimento” do que de armas. Imaginar que haveria um

desfalque e uma séria crise social e de competitividade com a redução dos gastos militares é uma falácia. Os recursos fluíram para outros setores, já que o investidor e o comprador *é sempre o Estado*.

Quanto à dualidade, chega ser patética a afirmação. Devemos perceber que existem dois tipos de dualidade: a que converte itens civis ao setor militar (portanto trata-se de simples aquisição e adaptação do que já está em uso) e aquela gerada na pesquisa militar em combinação com o setor civil, que transfere tecnologia a este último. O primeiro caso, muito comum no início da Segunda Guerra Mundial, está superado, mas, mesmo durante o conflito, mostrou-se limitativo e obsoleto<sup>10</sup>. A dualidade do setor militar para o civil é puramente residual no caso do complexo norte-americano, dado o sigilo e o segredismo que envolvem a maioria dos projetos. Existe dualismo realmente nos programas tecnológicos e de pesquisa, mas de maneira lenta, e não em produtos e processos tecnológicos que permitam aos ramos civis das empresas envolvidas em projetos militares uma competitividade de mercado definitiva. Basta observar os índices de competitividade de empresas orientais não envolvidas com pesquisa militar e os seus concorrentes americanos.<sup>11</sup>

O último termo é de resposta complexa. Mesmo dentro dos EUA existe, desde o discurso de despedida de Eisenhower, em 1961, uma controvérsia se o aparato militar industrial do país é realmente necessário para os objetivos nacionais. Com o fim da Guerra Fria, essa discussão ganhou corpo, mexendo com o planejamento de Estado pelo menos até o ataque às Torres do World Trade

10 No caso dos EUA, o melhor caça americano do conflito, o Corsair, tinha a mais complexa manufatura da época; e, pelo lado do Eixo, o caça a jato nazista ME-262, que consumia materiais e peças raríssimos para a tecnologia da época, mesmo problema enfrentado pelo caça a jato japonês Shinden, mais revolucionário que o alemão.

11 Ver *Carta Capital*, (2007) p. 37.

Center, em 2001, novamente oferecendo a ameaça de fato, o embasamento aos argumentos e políticas em favor do reaparelhamento. Porém a argumentação apresentou um tom de rara sofisticação: a guerra ao terror foi apresentada não como uma guerra a uma ameaça difusa, mas uma ameaça de Estado terrorista. Em outros termos, o terror existia não apenas porque os Estados o apoiavam, mas porque existiam Estados que tinham uma política de terror ao se recusarem a aderir às agendas internacionais gestadas a partir do Departamento de Estado dos EUA. Assim, o complexo industrial militar adequava-se a prover os meios de neutralizar com o mínimo de custos humanos possível as ameaças eventuais e iminentes, ampliando a verticalização tecnológica materializada no projeto de 1.200 YF-22 a US\$ 122 milhões *per* unidade, uma nova classe de CVN *Gerald Ford*, com previsão de dez unidades (custo ainda não identificado)<sup>12</sup>, e uma classe inteiramente nova de destróieres com 35 unidades previstas.

Em suma, o CIM apresenta características específicas, tais como:

1. A doutrina ou teoria da ameaça, geralmente presumida, portanto não em informação acurada, mas na simples paranoia. Basta nos reportarmos aos famosos relatórios do Pentágono sobre o poder militar soviético. A edição lançada pelo secretário de Estado Gaspar Weinberg às vésperas da distensão proposta por Gorbachev desenhava armas que sequer estavam em produção, com dados de uma superestimação chocantes.

2. A meta é a renovação constante, criando modelos mais novos e sofisticados no menor espaço de tempo. A taxa de renovação de armamentos era tão alucinada na Guerra Fria que várias unidades de aviação recebiam modelos novos quando ainda nem tinham equipado todas as unidades com os modelos designados, enquanto outras nem mesmo eram renovadas até que outro armamento fosse entregue.

3. Necessita de conflitos para justificar sua existência e a enormidade de seus gastos.

### A IMAGEM ALTERNATIVA: O COMPLEXO DE DEFESA

#### O CID implica a subordinação e a integração do parque industrial militar à política geral de Estado

Propomos aqui um modelo alternativo que, em parte, está sendo desenvolvido em alguns Estados nacionais de porte e que serviria de exemplo para Estados médios ou as chamadas potências

emergentes. Sem encimar um complexo industrial militar, países como a Alemanha, que recentemente tornou-se o maior exportador de armas; a França, por meio de seu aparato estatal, como a *Direction des Constructions Navales Services (DNCS)*; a Rússia; a China ou mesmo a Índia reinventaram sua política de defesa, comprometendo-as com a política pública de Estado. Esse “complexo industrial de defesa” a que nos referimos (CID) não é uma integração apenas de burocracias e grupos de interesses localizados no aparelho de Estado, cooperando para perpetuar um modelo que se retroalimenta – endógeno e orgânico. O CID implica a su-

<sup>12</sup> A crise mundial recolocou o debate da necessidade desses armamentos, se não a emergência, pelo menos na quantidade. Pretende-se que o número de YF-22 não passe de 200, a maioria dos destróieres foi cancelada e a guerra pelos novos CVN está declarada no complexo militar dos EUA.

bordinação e a integração do parque industrial militar à política geral de Estado. Suas características principais são:

1. Dependência da Estrutura de Informação Estratégica – Não se trata de descobrir segredos, mas de estar informado dos principais desenvolvimentos estratégicos, industriais, científicos e tecnológicos em voga, antecipar as atitudes geopolíticas e distinguir entre uma ameaça real e uma apenas hipotética. Ao contrário do CIM, o CID é menos imaginativo e deve apoiar-se num edifício amplo de fontes articuladas e mecanismos de supervisão crítica. O caso da invasão do Iraque foi emblemático: de repente toda a culpa das

mentiras que sustentaram a decisão da guerra caiu nos “equívocos” do setor de informação, e o Estado americano descobriu que a caixa-preta do setor de inteligência é mais descontrolada do que o suposto, e que a estrutura do Estado liberal não dá conta real desse setor – se é que realmente o quer supervisionar.

2. Políticas Públicas Eficientes – O CIM opera apenas com critérios de eficácia, porque a operação militar é baseada na doutrina da missão: é preciso cumprir a tarefa. O custo não é lógico na guerra, a não ser em termos operacionais, isto é, dispor de meios para repetir os resultados. Mas o CID baseia-se na eficiência global: a missão é subsidiária de uma discussão crítica da política estratégica de emprego de força, e não apenas de uma ideia tópica de dispor de meios de superar o inimigo em qualquer cenário possível. Além de encomendas, o Estado deve avaliar e apoiar a pesquisa científica e tecnológica, definindo o consumo e requisitos a partir do item 1. A inova-

ção sem propósito e produtos sem aplicabilidade imediata devem ser mantidos como “capital de reserva”.

3. Subsidiário e não principal no apoio à política de Estado – Não é verdade que a capacidade do Estado nacional projetar poder esteja ligada à capacidade de projetar poder militar em última instância, e muito menos verdade que apenas um CIM pode fornecer tal certeza. Os EUA são uma circunstância única na História, e sua superioridade não se mostrou definitiva ou suficiente em todos os casos. Lembremos a Somália (1992), a Iugoslávia (1999), a incapacidade de forçar a Coreia do Norte e o Irã e os episódios re-

centes dos piratas no chifre da África, apenas para citar os casos mais recentes. Sem uma rede diplomático-estratégica, envolta na posição geoeconômica privilegiada dos EUA, muita coisa não teria acontecido nas últimas duas décadas.

A meta final do CID é racionalizar uma indústria militar dentro do orçamento de Estado, sem destiná-la à obsolescência tecnológica. Ao mesmo tempo, evitar que o Estado caia à mercê de interesses difusos que fogem às metas da política nacional, passando a servir a interesses particulares e imiscuindo setores do Estado e da iniciativa privada para além dos interesses públicos.

## CONCLUSÃO

Este é um mundo difícil. Nossa proposta não é apenas um meio-termo entre o possível e o inevitável, mas o fechamento de uma ideia-chave: de que uma estrutura industrial de defesa não deve apenas servir aos interesses econômicos, mas da efetiva segurança,

**A meta final do CID é racionalizar uma indústria militar dentro do orçamento de Estado, sem destiná-la à obsolescência tecnológica**

que é prevenir o uso da guerra e o controle da violência. A soberania efetiva pode ser alcançada sem que seja preciso construir um parque militar ou uma força militar titânica, desproporcional ao Estado nacional. De fato, o exemplo dos EUA é pontual.

A agressiva política militar dos EUA, principalmente na Era Bush, apenas serviu para ampliar as políticas armamentistas pelo globo. É claro que seria infantil imaginar que a China, a Rússia ou mesmo a Índia ficariam inertes, sem reciclar seus aparatos de força, tendo interesses continentais inerciais – queiram ou não são referências

de poder. Porém pensar que se pode construir um aparato militar em escala global sem freios e esperar que nenhuma reação se materializasse não foi apenas ingênuo, mas maldoso – por

que não dizer, suspeito?

A Coreia do Norte está demonstrando que não é preciso um suntuoso aparato militar para exercer soberania. Sua tosca tecnologia nuclear e a posse de alguns mísseis saídos da ciência da Guerra Fria estão produzindo resultados dissuasórios sérios.

O modelo brasileiro ainda está engatinhando com a Estratégia Nacional de Defesa, e é preciso se acautelar.

**A soberania efetiva pode ser alcançada sem que seja preciso construir um parque militar ou uma força militar titânica, desproporcional ao Estado nacional**

☞ CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<CIÊNCIA E TECNOLOGIA>; Indústria militar; Poder Militar; Política nacional; Ministério da Defesa;

## BIBLIOGRAFIA

- GALBRAITH, John K. *O Moderno Estado Industrial*, SP, Nova Cultural, 1988 (1ª. Ed. de 1968).  
 MARK, Rupert *Ideology of Globalization, Contending visions of New World Order*, Rutledge, New York, USA, 2000.  
 MONCHÓN, Francisco & TROSTER RL. *Introdução à Economia*, SP, Makkron Books, 1995.

## OUTRA PUBLICAÇÕES

- Limites e Desafios da Dominação Hegemônica*. CECEÑA, Ana E. & SADER, Emir IR. *A Guerra Infinita*, SP, Ed vozes, 2002 Parte III., pp. 251.  
*Política Externa*, Vol. 13, n. 3, dez, jan e fev, 2005, SP, IEEI, USP.  
*Carta Capital*, RJ, Maio-2004.  
*Carta Capital* “O Império com pés de barro”, SP, Confiança, 17/10/2007, pp38-45.  
 KOISTINEN, Paul A. “The Industrial Military Complex in Historical Perspective: The Inter War Years”. *The Journal of American History*, The Organization of American Historian, Bloomington, Indiana, 1970, p. 844.  
 \_\_\_\_\_ “Mobilizing the World War II: Economy, Labor and the Industrial Military Alliance”. University California Press, Berkley, California, 1973.  
 LUTTWAK Edward N. *Guerra Moderna: A contrainsurgência como prática equivocada*, RJ, Revista da EGN, 2º sem. de 2007, vol. iv, pp. 7-19.  
*Forças Armadas em Revista*, Ano 4, nº 14, 2009, RJ, Faer Cultural.



REVISTA



# MARITIMA BRASILEIRA

**A SEGUNDA REVISTA MAIS ANTIGA DO MUNDO**

*Preço de 9 mil réis (1884/1900)*

**A Revista Marítima Brasileira completou 159 anos em**

**1º de março de 2009. Fundada em 1851 pelo**

**Primeiro Tenente Sabino Elói Pessoa,**

**foi a segunda revista mais antiga do mundo**

**a tratar de assuntos marítimos e navais.**

**Conforme os registros obtidos, a Rússia foi o primeiro**

**país a lançar uma revista marítima,**

**a Morskoi Sbornik, (1848).**

**Depois vieram:**

**Brasil – Revista Marítima Brasileira (1851),**

**França – Revue Maritime (1866),**

**Itália – Rivista Marittima (1868),**

**Portugal – Anais do Clube Militar Naval (1870),**

**Estados Unidos – U.S Naval Institute Proceedings (1873)**

**República Argentina – Boletín Del Centro Naval (1882).**